

A Língua e o seu caráter flexível

Me. Carlos Alexandre N. Aragão

Professor da Rede Estadual de Sergipe.

Quando nos referimos ao uso da língua, logo é acionada a palavra “correto”. Mas será que há um falar correto ou todos nós usamos a língua de modo dinâmico e contextualizado?

Há dois anos presenciamos a grande discussão gerada pela aprovação do livro “**Por uma vida melhor**” pelo Ministério da Educação (MEC) para os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) onde a escritora coloca:

Os livros ilustrados mais interessantes estão emprestados.

Você pode estar se perguntando: “Mas eu posso falar ‘os livro?’”

Claro que pode. Mas fique atento porque, dependendo da situação, você corre o risco de ser vítima de **preconceito linguístico**. Muita gente diz o que se deve e o que não se deve falar e escrever, tomando as regras estabelecidas para a norma culta como padrão de correção de todas as formas linguísticas. O falante, portanto, tem de ser capaz de usar a variante adequada da língua para cada ocasião.

Existe outro tipo de concordância: a que envolve o verbo. Observe seu funcionamento:

O menino pegou o peixe.
menino → singular
pegou → singular

Diante da repercussão gerada com a aprovação deste manual didático, observamos que a forte tradição do ensino de língua, ou melhor, do ensino de gramática nas aulas de língua, continua presente na escola e na sociedade, onde exclui alguns falares e privilegia outros. Isso se deve ao fato desse ensino continuar preso ao conceito postulado por Varrão, mesmo com a presença da Linguística nos cursos de Letras. Isso evidencia o poder dado à norma padrão e em especial a escrita. Consequentemente, se cria um processo de desvalorização das normas socioeconomicamente desprestigiadas.

Além desse episódio, observamos que há, nos últimos anos, o surgimento de memes como “BODE GAIATO” que estimula a prática da desvalorização do falar regional. Até um momento pode parecer que há uma valorização da cultura nordestina, mas por trás das tiras existe um preconceito linguístico velado e difundido em toda sociedade.

Seguindo nesse caminho é comum encontrarmos práticas de ensino de língua centradas no ensino de gramática, ainda pautadas no pensamento da concepção de linguagem enquanto representação do pensamento e do mundo, cuja ação do indivíduo é seguir as regras impostas sem questioná-las, sem ser percebido como um sujeito ativo e sim passivo diante da língua.

Segundo Possenti (2011), nenhum linguista propõe que deve ensinar os educandos a falarem “Os livro” e nem tão pouco foi a intenção da autora do livro, porque as pessoas já sabem falar. Muitos críticos não leram o livro por completo para tecer comentários, mas sim apenas o fragmento que colocamos acima. Lembramos também que, em nenhum momento, foi desprezado o modelo padrão que tanto o espaço

escolar e o midiático privilegiam, pois este permaneceu sendo o objetivo da fala da autora que parte do falar popular para chegar a um padrão como bem salienta Bezerra (2011) “é preciso que a escola comece a fazer uso dos mecanismos reais, isto é, da vivência do aprendiz para se chegar ao ideal que a escola quer inculcar nos seus aprendizes”. Sendo assim, devemos repensar como o ensino de língua vem sendo realizado nas nossas salas de aula e comovem sendo concebido por muitos estudiosos e jornalistas para que novos episódios não venham a ocorrer.

Observamos que a polêmica criada por alguns estudiosos da linguagem e pela mídia deu-se porque esse manual didático vai de encontro ao que a gramática normativa postula, já que, há vários séculos, vem sendo utilizada como a única forma “correta” de se escrever e falar. É um poder que adentra na escola, na família e na sociedade como sendo o único meio usado pelo indivíduo para ser aceito socialmente. No caso do memes a aceitação dá-se porque traz um humor através do falar do personagem “BODE GAIATO”, mas não seria aceito se fosse utilizado em outra circunstância social.

É preciso que professores, estudantes, estudiosos da língua e a mídia concebam a língua como um espaço dinâmico, flexível e multifacetado, capaz de se modificar a partir da interação dos sujeitos e não como algo estático e fechado em regras/normas que devem ser usadas em espaços isolados, pois através da linguagem o indivíduo transforma o seu meio e consegue se constituir enquanto tal. Esse pensamento deve adentrar no espaço escolar e na mídia para que não vejamos mais episódio dessa natureza, onde presenciamos mais uma vez a força do poder institucionalizado diante do desprivilegiado.